

A ideia deste trabalho nasceu em função do estudo da narrativa como intervenção e/ou como metodologia de pesquisa desenvolvida pelo Grupo de pesquisa Narrativas Emancipatórias de Si e da Realidade: Foco nas Pessoas com Necessidades Especiais e/ou risco Social (NARREM). Os trabalhos foram apresentados no I Encontro Nacional do Narrem, com o tema: Narrativas de Si e da Realidade: Processos de Subjetivação, Construção de Conhecimento e Emancipação, nos dias 19, 20 e 21 de outubro de 2017. As instituições organizadoras foram Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e Universidade Federal Fluminense (UFF). As organizações parceiras foram: Faculdade Sul Fluminense (FaSF), Universidade Federal de Brasília (UnB), Universidade Federal do Acre (UFAC) e Universidad Nacional de Rosario (UNR). A comissão organizadora foi composta por: Profa. Dra. Valéria Marques (UFRRJ), Profa. Dra. Silviane B. Barbato (UnB), Profa. Dra. Priscila Pires Alves (UFF-VR), Profa. Ms. Edneusa Lima Silva (FaSF), Tainá Mani de Almeida (UFF-VR), Jenifer Barros Marques (UFRRJ) e Roberto Antonio Duarte (UFRRJ). A comissão científica foi composta por: Profa. Dra. Valéria Marques (UFRRJ), Profa. Dra. Priscila Pires Alves (UFF-VR), Profa. Dra. Silviane B. Barbato (UnB), Profa. Dra. Maria Izabel dos Santos Garcia (UFF), Profa. Dra. Cecília Raquel Satriano (UNR) e Profa. Dra. Gisele Maria C Souza (UFRRJ). Os trabalhos aqui apresentados foram atualizados teoricamente e resultam de trabalhos científicos produzidos (trabalhos de conclusão de curso de graduação, especialização, mestrado e doutorado) pelo grupo em diferentes campos de saber.

Os artigos que compõem o dossiê enfatizam a vertente metodológica, com destaque para a pesquisa narrativa. O grupo de pesquisa está em processo de construção conceitual e metodológica da análise narrativa dialógica emancipatória. Para atingir este objetivo, os textos variam entre a leitura inspirada na análise de discurso e da análise de conteúdo.

O estudo da narrativa remete-se a construção da realidade fruto da representação, ou seja, não revela a cópia da realidade e sim uma leitura, uma interpretação. A representação é fruto tanto dos aspectos cognitivos quanto socioafetivos. A representação do mundo significa sua interpretação e não seu desvelamento. A reflexão está presente na interpretação dos dados, tanto por parte do narrador quanto do pesquisador.

O narrador tem um papel ativo na produção dos dados, ele escolhe (conscientemente ou não) o que narrar e não narrar, a ordem, a ênfase, os elos, o material narrado pode ser atualizado todo o tempo, tendo elementos acrescidos, subtraídos ou modificados. A narrativa possibilita a reconstrução da experiência narrada e sua elaboração, atribuindo um novo sentido, com novos significados, quer sejam pessoais ou sociais. Busca-se conhecer e analisar as produções narrativas, mas elas não estão a prova para verificar sua veracidade, pois expressam um modo de olhar o mundo e a si próprio.

Como lutar contra a opressão a favor dos direitos humanos? Como favorecer a emancipação e a equidade? Pressupomos que uma ação que pode fortalecer este propósito é a participação efetiva do grupo nas ações políticas de modo proativo. Este caminhar é atravessado pela maturidade política.

Em sala de aula, por exemplo, o professor favorece o clima democrático e colaborativo quando envolve a turma nos planos educacionais. Neste tipo de interação, cada personagem coloca o que pensa, o que sabe, o que gostaria de aprender, identificando no processo tanto as potencialidades quanto os seus limites. Paralelamente a distribuição de tarefas e responsabilidade, organiza-se formas de acompanhamento e avaliação do alcance das metas. Se o caminho e a solução serão construídos pelo próprio grupo, não há um caminho correto/certo ou uma verdade absoluta e única a ser alcançada. Cada sujeito tem a oportunidade de conhecer seus talentos e lidar com as dificuldades que se apresentarão durante a jornada existencial.

Cada pessoa com/no seu ritmo, experiência, expectativa e interesse, compartilha-os, simultaneamente, produzindo uma missão coletiva. Este processo se enriquece quando cada um se expõe num clima de confiança e, o estudo sobre narrativa pode contribuir nesta direção. Esta é uma subversão da didática tradicional, o professor não é detentor do saber, mas seu mediador, um provocador e incentivador de questões, de leituras da realidade. Portanto, o Dossiê Narrativas apresenta características peculiares ao trazer diferentes produções que reafirmam os aspectos representacionais de mundo e de sujeito, enquanto seres de relação.

No artigo “Análise Narrativa Dialógica Emancipatória em diálogo com Análise narrativa, de Conteúdo e de Discurso” - Valéria Marques, Cecilia Raquel Satriano e Edneusa Lima Silva apresentam os postulados iniciais que visibilizam a narrativa como instrumento de coleta de dados e possibilidade de análise na pesquisa acadêmica, a fim de introduzir o conceito de narrativa emancipatória dialógica como recurso metodológico para os estudos realizados pelo Grupo de Pesquisa, atualmente.

Em “Narrativas e dialogia em estudos qualitativos sobre a produção de Si” - Silviane Barbato e Priscila Pires Alves discutem as contribuições de princípios da narrativa e da dialogia, para a pesquisa qualitativa em psicologia e áreas afins. Assim, quando relacionam narrativas e dialogia em estudos qualitativos sobre a produção de si, enfatizam com propriedade, a forma com que as produções de significados no espaço intersubjetivo desenham dinâmicas dialógicas que orientam as agencialidades.

Márcio de Souza Santos, Carolina Gonçalves da Silva Fouraux e Valéria Marques, no estudo da “Narrativa como método de pesquisa” oportunizam ao leitor, a descrição do uso da ferramenta narrativa utilizada como contorno para expressões construídas entre atletas e pesquisadores, marcando a importância da dialogia durante o processo de pesquisa.

Para demonstrar “La importancia de la narrativa en los contextos terapéuticos”, Cecilia Raquel Satriano fundamenta a escrita com uso da narrativa no cenário clínico, apresentando conteúdos que podem ser consideradas histórias de vida utilizando fontes orais, principalmente. Sua importância no campo da psicoterapia é permitir o conhecimento sobre a subjetividade e visa descrever e analisar a complexidade do problema da desnutrição infantil, na atuação com famílias em situação de vulnerabilidade e risco social, cujos filhos estavam cadastrados no centro de saúde da zona sul da cidade de Rosário.

A preocupação legítima com o destino do processo inclusivo está presente nas “Narrativas políticas educacionais inclusivas: compromisso de quem, com quem e para quem?” proposto por Caroline Vieira de Campos Gonzalez dos Santos, Edneusa Lima

Silva e Valéria Marques. As autoras problematizam em contexto atual, as dificuldades do processo inclusivo para pessoas com necessidades educacionais específicas nas escolas regulares e convida o leitor a repensar os elementos narrativos que permeiam as construções ideais e reais da inclusão educacional. A apresentação do artigo “Núcleo de Acessibilidade e Inclusão: narrativa de Si para uma realidade inclusiva” proposto pelas autoras Edneusa Lima Silva e Valéria Marques, amplia a discussão da temática inclusiva para o ensino superior e propõem estratégias para acolhimento da diversidade e efetiva inclusão social nos espaços da instituição de ensino superior.

Adelzita Valéria Pacheco de Souza e Valéria Marques no estudo “Coletivo de Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas na UFRRJ: narrativas emancipatórias” demonstram que protagonismo é um exercício possível na experiência de cidadania. Expõem no trabalho de pesquisa que dá origem ao artigo, que nos espaços coletivos a narrativa produz sujeitos conscientes de seus direitos, o que lhes permite autoria nas ações propostas pelos movimentos organizados que visam a efetiva garantia das conquistas obtidas.

No trabalho “Relação Si Mesmo e posicionamento na narrativa de universitários com necessidades educacionais específicas” de autoria de Monica Oliveira Ribeiro e Valéria Marques, o olhar, aponta para a potência das narrativas e para a força das palavras e atos, postulando, a relevância do posicionamento de cada sujeito nos processos de percepção de si para legitimar direitos e deveres.

O artigo intitulado “Produção de significados sobre exclusão no ensino superior” escrito por Suzi Brum, Silviane Barbato e Valéria Marques, está posicionado de forma a provocar inquietações e novas narrativas. Apoiado na narrativa dialógica que se direciona para o exercício da singularidade, o aluno entrevistado pode apresentar a tessitura dos significados que permite compreender os fios que foram (por ele) utilizados para interpretar a experiência educacional marcada pelos obstáculos identificadas no encontro entre a deficiência visual e o Ensino Superior. As autoras apontam as vivências presentes nas práticas excludentes que são produzidas na tensão entre forças hegemônicas e contra hegemônicas, identificadas nos encontros dos diferentes personagens que atuam no cenário pesquisado.

Em “Narrativas que indicam cenestesia e percepção de Si Mesmo”, Patrícia Simone Dal-Col e Valéria Marques, embasadas no conceito de que a cenestesia é um fenômeno da corporeidade humana, caracterizada por ser uma sensibilidade geral interna, (uma sensação orgânica intracorpo) que reflete um estado endógeno de bem-estar ou mal-estar. Utilizam o conceito fenomenológico “Si-Mesmo” como o ponto de chegada nessa incursão pela corporeidade humana, por ser um construto da interação com o outro, com a cultura e como produto da narrativa.

Ao identificar os “Desafios da inclusão no Ensino Superior: narrativas de uma universitária com Síndrome de Down”, Deuzimar Helena de Oliveira Botelho e Valéria Marques descrevem os avanços na educação e as conquistas de direitos quanto à inclusão, além de dialogar com os desafios que demandam melhor compreensão sobre o processo, envolvendo não apenas o ingresso no ensino superior, mas também a permanência e a promoção da aprendizagem, em especial da pessoa com deficiência intelectual.

“Intervenções dialógicas no trabalho com pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo” proposto por Tainá Mani Almeida e Priscila Pires Alves traz a experiência de utilizar a narrativa no atendimento clínico ampliando as possibilidades de atuação ao acolher as diferentes narrativas observadas no atendimento das crianças com TEA.

Em “Narrativas sobre o *habitus* de ser e fazer-se professor na Comunidade de investigação”, Grazielly Candida Sabadin Adão e Valéria Marques oferecem ao leitor, momento de reflexão sobre a prática profissional e as representações da figura do professor no cotidiano da sala de aula. O fazer docente implica na concepção de que “somos sujeitos atravessados pelas experiências e sujeitos da experiência”, portanto o professor é um sujeito que se constrói no falar, pois “palavras criam sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação”. Desse modo, a experiência narrada pelo docente é potente geradora de sentido, sendo esta, a potência que o artigo traduz e apresenta.

Desejamos aos leitores uma excelente experiência de leitura e reflexão.

**Profa. Dra. Valéria Marques (UFRRJ)**  
**Profa. Ms. Edneusa Lima Silva (FaSF)**  
**Profa. Dra. Priscila Pires Alves (UFF-VR)**